

CIDADE-TERREIRO NEBULOSA:

Cartografias Insurgentes nas Disputas de Lugar em Campos dos Goytacazes

EIXO TEMÁTICO 03: Representações, Memória e Preservação do Urbano

Ricardo Paixão Antunes

laboratório de estudos Urbanos (leU)

PROURB | FAU - UFRJ

ricardo.antunes@fau.ufrj.br

RESUMO

O presente artigo tenciona o planejamento urbano hegemônico e colonial a partir de epistemologias afrodiáspóricas, propondo uma leitura decolonial do território. Utilizando a metáfora das "nebulosas" e o conceito de "cosmolocalidades", a pesquisa investiga como as religiões de matriz africana, especificamente a Umbanda, reescrevem o espaço urbano através de geossímbolos e da cultura de lugar. O estudo de caso foca na cidade de Campos dos Goytacazes (RJ), cuja morfologia foi historicamente marcada por processos de higienização urbana e apagamento da população negra. Metodologicamente, adota-se a cartografia insurgente, que subverte o mapa cartesiano tradicional ao assumir o "corpo-mapa" e a oralitura como os principais instrumentos de leitura espacial. Ao sobrepor memórias coletivas, trajetórias de praticantes e pontos de força espiritual à malha urbana e regional, os exercícios cartográficos revelam uma "cidade-terreiro" invisibilizada que resiste e atua ativamente nas disputas de lugar frente à narrativa oficial. Conclui-se que o urbanismo contemporâneo tem a urgência de abdicar do distanciamento tecnocrático para aprender com as territorialidades de terreiro, instrumentalizando a cartografia táctica como meio de visibilidade, pertencimento e reparação histórica.

Palavras-chave: urbanismo decolonial; cartografia insurgente; cosmolocalidades; corpo-mapa; Umbanda

PENSAR FORA DO EIXO

ABSTRACT

This article challenges hegemonic and colonial urban planning from the perspective of Afro-diasporic epistemologies, proposing a decolonial reading of the territory. Using the metaphor of "nebulas" and the concept of "cosmolocalities," the research investigates how African-matrix religions, specifically Umbanda, rewrite urban space through geosymbols and the culture of place. The case study focuses on the city of Campos dos Goytacazes (RJ, Brazil), whose morphology was historically marked by processes of urban sanitization and the erasure of the Black population. Methodologically, it adopts insurgent cartography, which subverts the traditional Cartesian map by assuming the "body-map" and oraliture as the main instruments for spatial reading. By overlapping collective memories, practitioners' trajectories, and points of spiritual power onto the urban and regional grid, the cartographic exercises reveal an invisibilized "terreiro-city" that resists and actively participates in place disputes against the official narrative. It concludes that contemporary urbanism urgently needs to abandon technocratic detachment to learn from terreiro territorialities, instrumentalizing tactical cartography as a means of visibility, belonging, and historical reparation.

Keywords: decolonial urbanism; insurgent cartography; cosmolocalities; body-map; Umbanda.

RESUMEN

Este artículo cuestiona la planificación urbana hegemónica y colonial a partir de epistemologías afrodiaspóricas, proponiendo una lectura decolonial del territorio. Utilizando la metáfora de las "nebulosas" y el concepto de "cosmolocalidades", la investigación explora cómo las religiones de matriz africana, específicamente la Umbanda, reescriben el espacio urbano a través de geosímbolos y de la cultura de lugar. El estudio de caso se centra en la ciudad de Campos dos Goytacazes (RJ, Brasil), cuya morfología estuvo históricamente marcada por procesos de higienización urbana y borrado de la población negra. Metodológicamente, se adopta la cartografía insurgente, que subvierte el mapa cartesiano tradicional al asumir el "cuerpo-mapa" y la oralitura como los principales instrumentos de lectura espacial. Al superponer memorias colectivas, trayectorias de practicantes y puntos de fuerza espiritual a la trama urbana y regional, los ejercicios cartográficos revelan una "ciudad-terreiro" invisibilizada que resiste y actúa activamente en las disputas de lugar frente a la narrativa oficial. Se concluye que el urbanismo contemporáneo tiene la urgencia de abandonar el distanciamiento tecnocrático para aprender de las territorialidades de terreiro, instrumentalizando la cartografía táctica como medio de visibilidad, pertenencia y reparación histórica.

Palabras clave: urbanismo decolonial; cartografía insurgente; cosmolocalidades; cuerpo-mapa; Umbanda.

PENSAR FORA DO EIXO

INTRODUÇÃO

Ao estudar o urbanismo a partir da perspectiva religiosa afrobrasileira e umbandista, é de rápida percepção que há um apagamento promovido pela lógica hegemônica do urbanismo durante o processo de desenvolvimento urbano brasileiro. Esse processo tem duas faces: uma delas é o apagamento cultural-religioso e outra o apagamento territorial, que não estão, de forma alguma, desconexos.

No ano de 1989, o documentário “*Orí*” (1989), daria voz à construção do pensamento da importantíssima historiadora Beatriz Nascimento, escritora do texto e voz da narração de tal documentário. No filme, a palavra “quilombo” é revisitada e analisada a partir de diversas perspectivas. Para Beatriz Nascimento (*Orí*, 1989), a civilização Americana e Africana é um grande transatlântico de sujeitos transportados – ou, como diria Lafont (2023), deportados – que, nesse processo de sobrevivência, um sujeito troca com o outro a partir da sua experiência individual, porém nunca solitária, de exílio. É a partir dessas interações que, por meio dos quilombos e aquilombamentos a cultura africana se reafirma a contar dos séculos de escravização e do processo de reterritorialização dos exilados.

Durante o documentário, Beatriz Nascimento expande o conceito de quilombo, tira a palavra do lugar fixo do lugar de dor e a transforma em um processo contínuo e existencial, inerente ao corpo e a cultura diaspórica. Ela aborda, então, o conceito de aquilombamento a partir dessa expansão, como um desenvolvimento histórico de resistência, não linear, mas congruente e de união e reconstrução da identidade negra transatlântica. (*Orí*, 1989)

O documentário retrata o aquilombamento nos espaços contemporâneos ao filme, manifestando-se nos terreiros, nas rodas de samba, nos bailes *black*, no *soul*, nos movimentos negros, tanto na dimensão individual quanto espiritual, em que o próprio corpo negro e a sua cabeça (“*Orí*”) são vistos como territórios de resistência e reconexão com a ancestralidade. (*Orí*, 1989; Lafont, 2023)

Logo, este artigo parte do problema de silenciamento cultural das religiões afrobrasileiras, mas percebe o aquilombamento como um reflexo a esse silenciamento. O aquilombamento, assim como o urbanismo, se faz através das nebulosas, pois admite mistérios, presenças ou ausências, para compreender a importância de cada coisa – ou sua falta – para a construção de uma totalidade. Pensar pela metáfora da nebulosa (Pereira, 2018), permite-nos tatear um pouco melhor o que a

PENSAR FORA DO EIXO

Lafont (2023) e Nascimento (Orí, 1989) propõem ao falar do Atlântico negro ou da África Transatlântica, conceituados respectivamente.

Ao pensar a formação do Brasil e de suas cidades contemporâneas, deve-se dar conta do trabalho imposto aos negros que foram exilados e compreender que nesses trabalhos, seus conhecimentos e fazeres culturais guiavam tanto suas técnicas do ato do fazer quanto suas formas de sociabilidades. Galeano (2020) já pontuara que coexistimos nas cidades onde desde outrora a ação sanguessuga dos Estados Colonizadores, junto à Igreja Católica, enquanto instituição e Estado do Vaticano, buscam a manutenção de suas riquezas na exploração das Américas através da mão de obra escrava.

Figura 1. Mapa “Terra Brasilis”



Fonte: Lopo Homem, 1519.¹

Nesse contexto exploratório que a metodologia tradicional de leitura do espaço urbano falha ao tentar compreender a nebulosa afrodiaspórica, pois a cartografia colonizadora consolidou-se como um instrumento visual dessa mesma dominação colonial. Um ótimo exemplo dessa estrutura é a cartografia *Terra Brasilis* (1519) (Figura 1), de Lopo Homem e da família Reinell – documento central no acervo de cartografia histórica da Biblioteca Nacional. Nessa representação, o território brasileiro

¹ Tanto o mapa quanto a sua descrição podem ser encontrados no Banco Nacional Digital do Brasil da Fundação Biblioteca Nacional. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-virtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/artigos/terra-brasilis/>. Acesso: 05 de abril de 2026.

PENSAR FORA DO EIXO

é desenhado estritamente sob a ótica do extrativismo, ilustrando a terra como um repositório de recursos e de corpos subalternizados a serem consumidos. Contudo, ao assumirmos a postura analítica proposta por Anne Lafont (2023) na leitura de fontes primárias, passamos a observar esses documentos hegemônicos nas entrelinhas da iconografia oficial de indícios, ausência de Africanos, mas presença dos nativos como composição da fauna e flora representada. O mapa colonial não consegue traduzir a nebulosa de um aquilombamento, pois seu traço técnico não foi forjado para ler sociabilidades ou historicidades, mas sim para delimitar posses e sufocar possibilidades outras. Por essa razão, torna-se insustentável utilizar a mesma ferramenta que promoveu o apagamento para tentar revelar a resistência.

Determinante a contrariar a postura colonial do urbanismo, o campo tem se buscado reconhecer a cultura e as simbologias como elementos inerentes ao território, compreendendo-os como componentes fundamentais na construção e interpretação das cidades. Pensar formas de representação espacial vinculadas às religiões de matriz africana, tendo como base práticas de cartografia insurgente que desafiam as lógicas hegemônicas do urbanismo tradicionalmente explorador e do mapeamento canônico, possibilitam, através da produção e leitura de mapeamento, o reconhecimento de formas outras de se inscrever no espaço urbano e viver/fazer cidade.

Ao invés de limitarem-se ao traçado técnico e funcionalista da urbe, essas cartografias desdobram-se como expressões simbólicas, culturais e políticas que emergem do cotidiano dos territórios percebidos sob as lentes da cultura afrobrasileira, neste caso, recortado a marcas de práticas e/ou representatividades umbandistas. Não se retendo a uma cartografia usual de edificações e ruas, tal forma de cartografia torna-se um recurso de análise do “ser urbano” enquanto alguém que carrega consigo a cultura, uma forma de historicizar a partir de suas vivências, suas culturas, valores e educação. Essa forma de percepção do corpo como um corpo-mapa (Pereira, 2019), é retratada tanto por Lafont (2023) quanto por Nascimento (*Orí*, 1989) ao relatarem o uso do corpo como instrumento próprio de resistência cultural a partir da identidade do coletivo, mas que se articula como sujeito aglutinador importante na constituição de tal nebulosa afrodiaspórica.

Por meio da oralitura, da corporeidade dos ritos e rituais, dos caminhos entre espaços de culto, da presença de elementos naturais como árvores, rios e encruzilhadas, e da produção de marcas físicas ou simbólicas no território, esses lugares adquirem valor geossimbólico, enquanto cosmolocalidades, tornando-se referências fundamentais para a vivência e a preservação da

PENSAR FORA DO EIXO

memória coletiva a partir do conhecimento de terreiro (Martins, 2003; Menezes, 2017; Antunes, 2020, 2024).

O artigo propõe, a partir do reconhecimento do conceito de historicidade, que perpassa às possibilidades de entender a cidade e seus símbolos, pelo espaço e tempo, em dimensões além do território, mas na música, poesia e no conhecimento oral religioso, passado entre as gerações. A historicidade é, para o urbanismo, essa pesquisa vista na escala 1:1, como o conhecimento passado de pai para filho de santo, entre irmãos de santo e as diversas formas outras de famílias que podem constituir um terreiro. Também é a possibilidade de reconhecer traços, cores e posicionamentos artísticos e a herança do período barroco, as artes e formas de se relacionar com o território. Enfim, pensar por nebulosas. (Pesavento, 2007; Filho, 2015; Pereira, 2019)

Diante do exposto, o presente artigo tem como objetivo geral investigar o mapeamento de cosmolocalidades como um instrumento insurgente na luta por um urbanismo contra-hegemônico, utilizando a cartografia para pensar outros urbanismos possíveis. Como objetivos específicos, busca-se: (i) reconhecer o corpo-mapa e a historicidade oral como elementos fundantes de uma leitura decolonial da cidade; (ii) contrapor a cartografia hegemônica colonial às representações subjetivas de terreiro; e (iii) demonstrar, através de exercícios cartográficos aplicados, como as memórias e práticas umbandistas reescrevem o território urbano.

Para alcançar tais propósitos, a pesquisa adota uma abordagem metodológica qualitativa e decolonial, ancorada na prática da Cartografia Insurgente (Sánchez e Moreira, 2019; Santos, 2019). O percurso analítico rompe com a neutralidade do mapa cartesiano ao utilizar a metáfora das nebulosas (Lafont, 2023) para ler as frestas e invisibilidades do planejamento urbano hegemônico. A base de análise apoia-se no reconhecimento empírico das cosmolocalidades (Silva, 2013), utilizando o corpo-mapa (Pereira, 2019) como o principal instrumento de leitura do território, tencionando a morfologia colonial com as dinâmicas de aquilombamento contemporâneo.

Na prática metodológica, o trabalho articula a revisão bibliográfica com a vivência urbana e a pesquisa. A construção dos exercícios cartográficos apresentados resulta da sobreposição de imagens de satélite com dados imateriais coletados através da oralitura (Martins, 2003), do conhecimento de terreiro, de entrevistas com praticantes da Umbanda e da própria trajetória do autor e de sua família de santo em Campos dos Goytacazes/RJ. Essa estratégia subverte o mapa oficial, espacializando memórias, pontos cantados e fluxos sociais, e evidenciando como a religiosidade atua nas disputas de lugar.

PENSAR FORA DO EIXO

O presente artigo está estruturado em duas seções principais, além desta introdução e das considerações finais. A primeira seção, intitulada “A Cidade e a Nebulosa: Fundamentos para um Urbanismo de Terreiro”, dedica-se a construir o referencial decolonial, articulando a historicidade oral, a metáfora das nebulosas e o conceito de cosmolocalidades para tensionar o urbanismo clássico. A segunda seção, “Cartografia Insurgente: as Disputas de Lugar na Planície Goytacá”, aterra a discussão no território de Campos dos Goytacazes, norte fluminense do estado do Rio de Janeiro, apresentando um breve reflexo histórico local e a aplicação prática da cartografia insurgente através de recortes espaciais que visibilizam as disputas de lugar umbandistas no recorte proposto.

1 A CIDADE E A NEBULOSA: FUNDAMENTOS TEÓRICOS PARA UM URBANISMO DE TERREIRO

A compreensão do espaço urbano exige, contemporaneamente, um distanciamento crítico das narrativas coloniais que moldaram as bases do urbanismo clássico. O território é um campo de disputas ativo, permeado por historicidades, memórias e formas de sobrevivência de populações historicamente marginalizadas. Perceber a cidade a partir das lógicas e saberes afrodiaspóricos, evidencia as camadas de uma urbe que foi erguida sob a didática da exclusão, mas que é diariamente ressignificada pelas práticas de resistência das religiões de matriz africana.

Para estruturar esta abordagem contra-hegemônica, a presente seção divide-se em três momentos. Inicialmente, conceitua-se a historicidade urbana e a oralitura, compreendendo o corpo umbandista como um arquivo vivo e um mapa em movimento. Em seguida, introduz-se a perspectiva das “nebulosas” transatlânticas para tencionar e desconstruir a cartografia colonial, evidenciando as falhas da representação eurocentrada. Por fim, o referencial consolida-se no conceito de cosmolocalidades, demonstrando como o aquilombamento e o sagrado se materializam no plano físico, convertendo encruzilhadas, praças e matas em geossímbolos.

1.1 Urbanismo em Perspectiva: Historicidade e Oralitura

Para compreender o espaço urbano para além das formas tradicionais e eurocentradas do urbanismo, faz-se necessário, primeiramente, desnudar as heranças do processo colonizador. O ano de 1492 não marcou apenas a invasão das Américas pelos europeus, mas o início de uma

PENSAR FORA DO EIXO

guerra hegemônica branca e europeia, abençoada pela Igreja Católica, que converteu a exploração de terras e a escravização de corpos originários e africanos em uma missão divina (Galeano, 2020). O Brasil forjou sua identidade nacional e sua formação territorial calcado na escravização em massa, na dizimação e na assimilação subalternizante, estabelecendo uma dinâmica de relações raciais que até hoje tenta ditar regras de pertencimento à urbe (Santos, 2019).

É na contramão dessa imposição etnocêntrica e do apagamento de saberes que se erguem as religiões de matriz africana enquanto trincheiras de resistência e reterritorialização. No cenário da cidade industrial, no início do século XX, o surgimento da Umbanda rompe com o preconceito de religiões mais tradicionais. O seu mito de origem, protagonizado pelo jovem Zélio de Moraes em 1908, nasce justamente de um embate racial e de classe dentro de uma Federação Espírita, onde a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas repreenhe a invisibilidade e a intolerância direcionadas aos espíritos que se apresentavam como negros escravizados e indígenas (Peixoto, 2008; Rivas, 2013).

A Umbanda surge e desenvolve-se, assim, nos centros urbanos, adequando-se ao ritmo dos trabalhadores da cidade que não podiam mais cumprir os longos períodos de iniciação exigidos em outras tradições (Magnani, 1986). Contudo, é impreterível pontuar que o mito de criação da Umbanda por Zélio traz consigo questões latentes sobre o embranquecimento de cultos afro-brasileiros já existentes. Chamar a Umbanda de "religião brasileira" muitas vezes opera como uma recusa às suas raízes ancestrais, evidenciando o racismo habitual às práticas urbanas hegemônicas.

Para tatear essa resistência cultural que não foi registrada nas atas oficiais do urbanismo colonial, a pesquisa recorre ao conceito de historicidade. Historicamente, o que se compreende como espaço urbano está em infinita mutação, marcada no tempo para além de seus traçados cartesianos. A cidade é a escala um para um (1:1); é o transeunte, a caminhada, o fluxo (Filho, 2015). Nessa mesma linha, Pesavento (2007) propõe a leitura da "cidade sensível", aquela onde atuam dinâmicas de dominação, mas que também é composta pela "sociabilidade" — os ritos, as festas e os atores em constante negociação.

Como a população escravizada foi historicamente privada do acesso à escrita colonial hegemônica, a memória dessas cidades sensíveis foi resguardada e transmitida por meio da oralitura. É imperativo compreender que a oralitura transcende a mera transmissão verbal ou literária; ela consolida-se como a performance do corpo no espaço, uma grafagem viva articulada a partir da

PENSAR FORA DO EIXO

cultura individual e coletiva dos sujeitos no mundo (Martins, 2003). Nesse sentido, o “conhecimento de terreiro” é passado de geração a geração, dos mais velhos aos filhos de santo, através do saber empírico, das rezas e da corporeidade dos pontos cantados.

É nessa encruzilhada de saberes que a historicidade se funde à oralitura: a densidade histórica da urbe não é apenas narrada, mas ativamente performada, seja nos terreiros ou nas ruas das cidades. A historicidade oral e corporal possibilita a percepção de uma história das cidades além dos registros acadêmicos e arquitetônicos oficiais de um país de pensamento eurocentrado; A historicidade materializa-se e atualiza-se continuamente nos corpos de seus habitantes, que atuam, então, como verdadeiros arquivos vivos do espaço e da história das cidades.

Essa condição de arquivo vivo que os corpos carregam (Pereira, 2019; Lafont, 2023) nos remete ao reconhecimento de uma cultura transatlântica, onde o oceano deixa de ser apenas uma rota de deportação e passa a ser compreendido como um território de trocas e sobrevivência. Como aponta Beatriz Nascimento (*Orí*, 1989), a civilização afrodiaspórica opera como um grande transatlântico, onde as experiências de exílio moldam novas sociabilidades. É através do aquilombamento — compreendido aqui em sua dimensão existencial, como modo contínuo de resistência, união e reconstrução identitária — que a cultura africana se reafirma na urbe. O quilombo deixa de ser um lugar estático de fuga no passado e transforma-se em um movimento inerente à cultura diaspórica contemporânea.

A partir de tal vivência que emerge a noção de corpo-mapa (Pereira, 2019). O corpo quando umbandista atua, então, como um mapa-vivo que carrega a condição primeira de marca e de herança, caminhando por uma cidade estruturada para erradicá-la. Perceber a cidade como um “território negro” exige confrontar os símbolos coloniais que ainda regem o espaço público. Mbembe (2018) recorda que, para ser duradoura, a dominação colonial precisou deixar marcas no espaço habitado, como as estátuas de escravocratas que seguem adornando praças. As recentes disputas em torno da derrubada de estátuas — como a de Edward Colston, em Bristol, ou o incêndio no monumento a Borba Gato, em São Paulo — são intervenções urbanas que reivindicam esse “direito à cidade” através da rejeição do heroísmo opressor (Guimarães, 2015; Antunes, 2024).

Por outro lado, enquanto os monumentos hegemônicos oprimem, as religiões afro-brasileiras produzem suas próprias interferências urbanas para assegurar a sua existência. O julgamento no Supremo Tribunal Federal sobre o abate religioso de animais, brilhantemente questionado pelo advogado Hédio Silva Junior, em 2018, expõe o racismo religioso institucional: julga-se a vida da

PENSAR FORA DO EIXO

"galinha da macumba", enquanto o extermínio de jovens negros nas periferias não causa comoção. O que a sociedade hegemônica repudia no "despacho" nas ruas não é a sujeira, mas a demarcação de uma territorialidade. A oferta incomoda porque ela é uma ferramenta cultural intrínseca àquela geolocalidade. (Antunes, 2024)

É na intersecção entre o corpo-mapa que caminha, a memória do terreiro e o espaço físico que se forma o conceito central deste estudo: as Cosmolocalidades. Conceituado por Mary Anne Vieira Silva (2013), o termo articula a dimensão cultural e simbólica (Cosmo/Sagrado) com a dimensão material da marcação espacial (Localidade/Caos) através do geossímbolo.

A cosmolocalidade entende que os Orixás e Guias, embora ligados ancestralmente ao território da África (Bastide, 1961), são fixados e cultuados em matérias e espacialidades da urbe. Através das ritualísticas, o espaço físico e profano recebe características estéticas, místicas e psicológicas, transformando-se em uma ambiência sagrada (Menezes, 2017). Tais localidades, demarcadas por elementos figurados e imateriais, tornam-se geossímbolos que ressignificam o espaço coletivo, convertendo trechos da cidade em territórios-terreiro. Ao ler a cidade não pelos seus prédios, mas por suas cosmolocalidades — onde encruzilhadas, praças e matas são, na verdade, pontos de ancoragem do sagrado —, encontra-se um caminho possível para uma cartografia genuinamente insurgente.

1.2 A Nebulosa e o Mapeamento: Tensões Cartográficas no Atlântico Negro

Anne Lafont em "A Arte dos Mundos Negros: História, teoria, crítica" fala sobre raça, civilização e resistência a partir do fazer artístico e de um pensamento que adota a metáfora "nebulosa" para o conceito de territorialização do continente Africano. Se a expansão europeia para as Américas se utilizou dos corpos africanos para imperar sobre novas terras, tal comércio infame deveria convir que a interação inevitável entre os novos deportados, sejam africanos ou europeus, juntos aos nativos americanos fundamentaria um novo lugar. (Lafont, 2023)

A partir da tomada da arte como ato subversivo, da identidade e da não aceitação da subalternização, os cidadãos hão de recriar seus territórios a partir de seus corpos, em suas vestimentas, cabelos ou pinturas. Assim como, homens e mulheres deportados que lograram ao acesso à formação e comunicação erudita possibilitaram registros sobre o exílio — muitas vezes apresentando essa inserção de um sujeito em uma sociedade mais ortodoxa. (Lafont, 2023)

PENSAR FORA DO EIXO

A materialização visual dessa tentativa de aprisionamento europeu encontra seu ápice na cartografia colonial hegemônica, cujo exemplo basilar já fora evocado na introdução, o mapa Terra Brasilis (1519) (Figura 1). A cartografia não foi forjada para ler vivências ou sociabilidades, mas para operar como um inventário estritamente extrativista do território brasileiro. Percebidos às lentes de Lafont (2023) sobre essa fonte, a nebulosa afrodiaspórica não cabe na precisão do colonizador, que reduzia a presença nativa à mera composição paisagística de fauna e flora à qual deve-se optar por explorar e controlar ou aniquilar.

Se a cartografia de 1519 delimita posses e sufoca a maleabilidade do tempo-espço, torna-se epistemologicamente insustentável utilizar as mesmas diretrizes cartesianas do urbanismo clássico para tentar mapear a resistência contemporânea. O mapa hegemônico recusa a oralitura a historicidade africana que já constituía essas rotas. É exatamente diante do esgotamento desse traço técnico e opressor que emerge a urgência de uma cartografia insurgente (Sánchez e Moreira, 2019). A cartografia insurgente subverte o desenho, transformando-o de um código de regulamentação social em um instrumento tático e ativo nas disputas de lugar (Santos, 2019). Na prática metodológica, isso significa utilizar-se da nebulosa do Atlântico Negro e materializá-la no plano bidimensional através do reconhecimento das cidades através de símbolos culturais no espaço, como as cosmolocalidades.

1.3 Cosmolocalidades: A Nebulosa e o Aquilombamento na Disputa de Lugar

Se é possível pensar o Atlântico Negro por nebulosas — reconhecendo as presenças, ausências e memórias transatlânticas no processo de urbanização das Américas —, é no encontro infinito entre o sagrado e a urbe que essa nebulosa se materializa através das pessoas. Essa materialização espacial da religiosidade afro-brasileira é vista neste estudo através do conceito de Cosmolocalidade (Silva, 2013). A cosmolocalidade articula a dimensão cultural e simbólica (o cosmo, as leis do universo e o sagrado) com a dimensão material do território (a localidade georreferenciável, a marcação espacial e o profano). Trata-se, portanto, de uma estratégia contínua de "fazer cidade" através das múltiplas formas de ser, estar e se representar no mundo, mas principalmente, nas cidades.

A cosmolocalidade pode ser percebida como fator multiplicador do aquilombamento. É possível observar, através dela, como o território circunscreve a cultura. A religião atua como um sistema que fomenta apropriações – culturais e espaciais – e fluxos próprios (Silva, 2013). Nesse sentido, ao analisar as religiões de matriz africana, Bastide (1961) ressalta que os Deuses (Orixás), embora

PENSAR FORA DO EIXO

habitem ancestralmente o continente africano — a terra da vida, sagrada —, encontram lugar no Atlântico Negro por meio de ritos especiais em pedreiras, matas, águas, encruzilhadas e no próprio corpo e cabeça (*Orí*) de seus filhos. Há, no imaginário de terreiro, o mito de uma árvore cujas raízes atravessam o oceano para unir os dois mundos (Bastide, 1961). Essa fixação do sagrado na matéria urbana carrega uma filosofia complementar à dos aquilombamentos, a raiz que escolhe e resiste diariamente e que tece um território transatlântico possível.

Ao fixar o sagrado no espaço público, cria-se uma ambiência, como define Menezes (2017). Para a autora, a ambiência transcende o espaço arquitetonicamente construído e carrega características estéticas e psicológicas fundamentadas nas questões imaginárias e culturais dos religiosos que dão vida àquele local. A cosmolocalidade é, assim, uma ambiência articulada pela religião, onde espaços demarcados por elementos figurados e imateriais se convertem em geossímbolos. O espaço urbano hegemônico e hostil é ressignificado, tornando-se um território-terreiro (Silva, 2013).

No Rio de Janeiro, o mapeamento realizado por Menezes (2017) na Curva do S (Alto da Boa Vista) exemplifica essa dinâmica. O local, historicamente marcado pelo uso de mão de obra escravizada e pela formação de quilombos, é hoje compreendido como "morada dos Orixás", onde as forças da natureza (matas para Oxóssi, pedreiras para Xangô, ventos para Iansã) interagem diretamente com o grupo social.

A partir dessa mesma percepção, os exercícios empíricos realizados pelo autor deste artigo (Antunes, 2020, 2024) na cidade de Campos dos Goytacazes/RJ demonstraram que as cosmolocalidades orientam a vivência cotidiana. É neste ponto que a noção de corpo-mapa retoma seu protagonismo. A cosmolocalidade, por sua vez, deixa de ser um ponto geográfico estático e assume o seu caráter coletivo, como parte da nebulosa afrodiaspórica do Atlântico Negro, que existe porque é ativamente vivida pela corporeidade e do exercício da cultura. Através do conhecimento empírico na Umbanda, é possível reconhecer que o sagrado mapeia a cidade através da leitura dos espaços livres. Para o umbandista, os Erês encontram-se nas praças, os Malandros nos bares, as/os Pretos/ Velhas/os (Almas) no cruzeiro das Igrejas; os Exus, nas encruzilhadas em "X" ou "+"; e as Pombagiras, nas encruzilhadas em "T" ou "Y". Essas espacialidades não constam nos mapas oficiais, mas são vívidas para aqueles que compartilham dessa construção imagética, iconográfica e identitária da cultura umbandista.

Milton Santos (2004) pontua que o processo de produção do espaço é seletivo. Para ele, grupos historicamente marginalizados são empurrados para territorialidades delimitadas pelas lógicas

PENSAR FORA DO EIXO

hegemônicas. O mapa tradicional, cartesiano e eurocentrado, atua como um código social que regulamenta a conduta e reforça a expansão capitalista (Sánchez e Moreira, 2019), silenciando essas ambiências de terreiro e a cultura de lugar corporificada.

É diante de um conflito epistemológico e territorial que a Cartografia Insurgente se faz importante instrumento ao utilizar-se da cosmolocalidade como marcador territorial fundamental. Os grupos subalternizados disputam o poder da construção de narrativas ao se apropriarem das ferramentas cartográficas e as questionarem (Santos, 2019). A cartografia insurgente subverte o desenho urbano tradicional, transformando-o de um código de dominação em um instrumento tático nas disputas de lugar. Ao assumir o corpo-mapa como o principal leitor do espaço, a metodologia deste artigo busca perceber a nebulosa afrodiaspórica, suas memórias, pontos cantados e fluxos sociais, a partir da cartografia como código transatlântico que insiste em reencantar as ruas das cidades.

As imagens abaixo buscam simplesmente articular as nebulosas das cosmolocalidades. Não será inserido texto durante ou posteriormente e nenhum comentário será feito sobre as imagens a seguir. A ideia é que o leitor, como propõe Ingold (2022), aprenda ao observar, investigar, afetar e ser afetado. Para isso, esse item é um espaço de abstenção de mais comentários do autor. É válido, todavia, relembrar que o trabalho carrega consigo uma ideologia e formação do pensamento do autor, pois nenhum trabalho é neutro.

Figura 2. Grafite de Pomba Gira



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 3. Estátua Marielle France



Fonte: Acervo Pessoal, 2022.

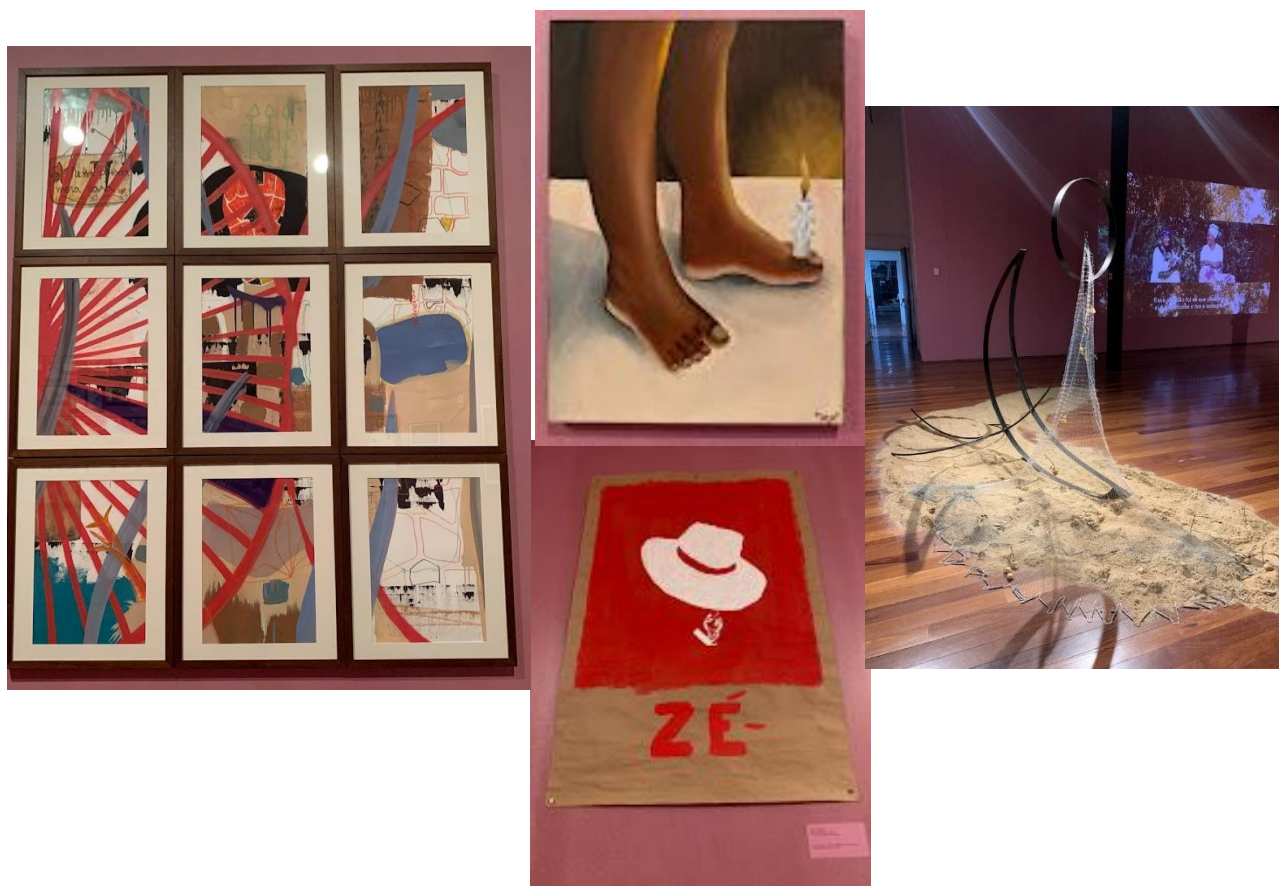
Figura 4. Bandeira de Iemanjá



Fonte: Acervo Pessoal, 2026

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 5. Visita ao Museu de Arte do Rio



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

Figura 6. Show McTha no Circo Voador



Fonte: Acervo Pessoal, 2022

Figura 7. São Jorge Poke-Stop – Pokemon Go App



Fonte: Acervo Pessoal, 2024

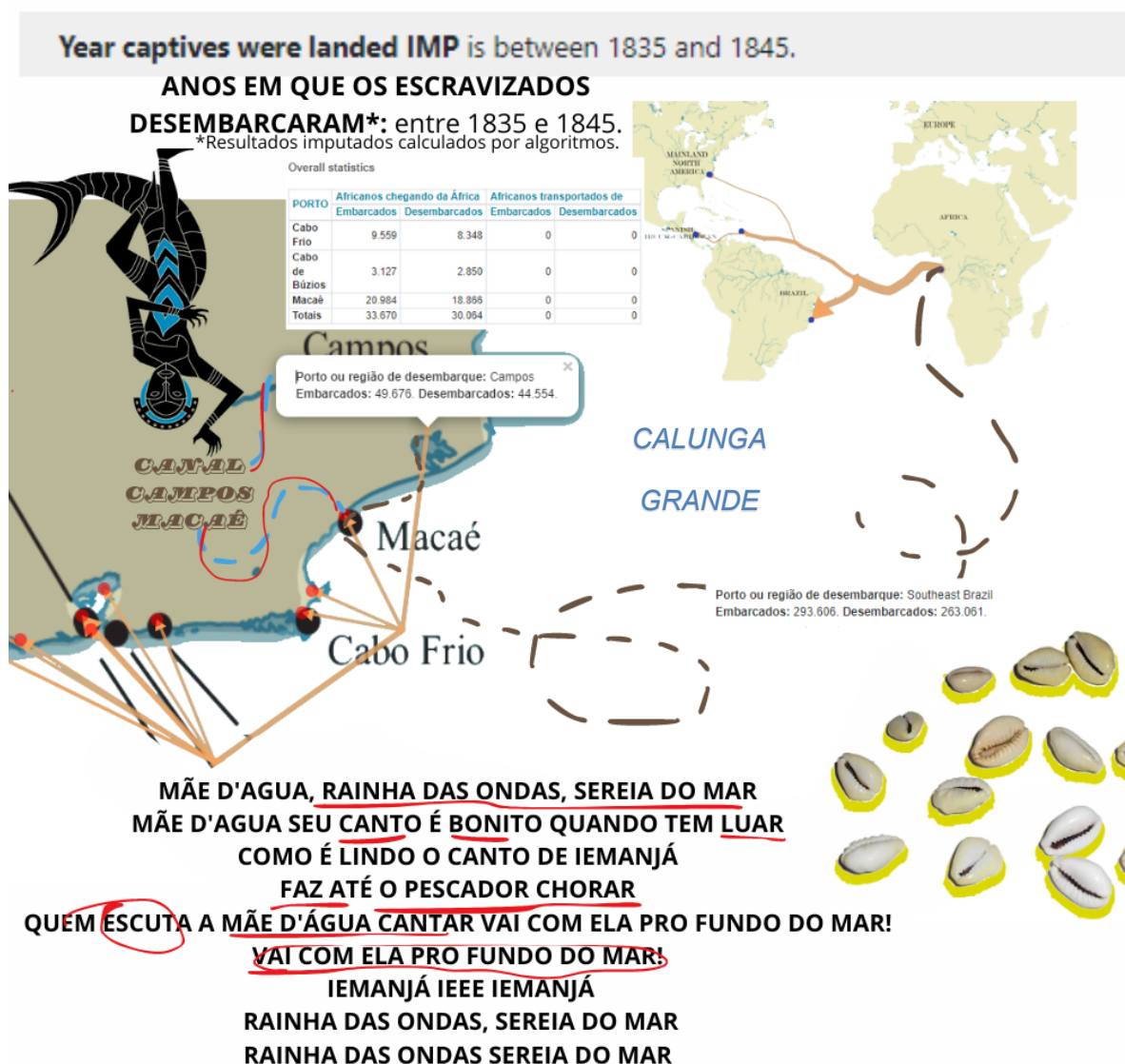
2 CARTOGRAFIA INSURGENTE: AS DISPUTAS DE LUGAR NA PLANÍCIE GOYTACÁ

Após estabelecer o alicerce teórico que tensiona o urbanismo colonial e apresenta a potência do corpo-mapa e das cosmolocalidades, esta segunda seção aterra a discussão sobre a cidade de Campos dos Goytacazes. O objetivo central aqui é transpor a teoria para a prática metodológica, utilizando a cartografia insurgente como o principal instrumento de denúncia e afirmação territorial. Inicialmente, far-se-á um breve resgate do processo de higienização urbana de Campos dos Goytacazes, expondo as lógicas de apagamento histórico e racial. Em seguida, os exercícios cartográficos elaborados ao longo desta pesquisa serão apresentados para demonstrar como a espacialização da cultura e das memórias umbandistas atua diretamente nas disputas de lugar, recodificando a cidade oficial em uma verdadeira cidade-terreiro.

PENSAR FORA DO EIXO

2.1 Pequeno Reflexo Histórico Campista: Notas sobre um urbanismo higienista

Figura 8. Tráfico Negreiro no norte Fluminense



Fonte: Acervo Pessoal, 2024.

Poderiam ser listados diversos motivos para justificar o recorte territorial neste artigo, mas o fato de falarmos de urbanismo deveria ser suficiente. Afinal, lidamos com ciências sociais aplicadas... ao

PENSAR FORA DO EIXO

território! Ainda assim, este trabalho opta por tratar o desenvolvimento urbano brasileiro a partir de uma perspectiva de cultura de lugar (hooks, 2022).

Imaginar a cidade a partir das cosmolocalidades pode proporcionar um objeto de estudo mais acurado e rente ao rigor necessário. Compreender as nebulosas dessas pesquisas encaminha o artigo para o atravessamento ontológico entre os umbandistas e o espaço urbano, tecendo suas relações de corpo e território, memória e cultura de lugar.

Para Stengers (2023), quando a ontologia se afasta do dualismo, há o risco de ela se tornar algo meramente superficial — um tipo de exotismo global, uma espécie de fetiche neoliberal — caso não se articule com lutas políticas e epistemológicas de resistência. Para a autora, uma nova ciência é necessária; uma ciência que respeite as espacialidades e o tempo exigido para se aterrar. Essa outra ciência dialoga com os movimentos de resistência e vai de encontro à presença ontológica e dualista que permitiu ao "Homem" a exploração de mundos, saberes e práticas através de atos de colonização. Ademais, o devido rigor deste trabalho apoia-se na possibilidade do debate e em compreender como o conceito de cosmolocalidades pode ser subversivo ao pensamento urbanístico modernista e fragmentado. Trata-se de observar como a religiosidade lida com as questões de dominação sobre os corpos e o espaço, trazendo à vista o pertencimento como uma cultura de lugar (hooks, 2022) e como uma transgressão inerente à sua própria existência.

Para conhecer a planície goytacá, é necessário estar ciente da existência de narrativas que transformaram a evolução urbana de Campos dos Goytacazes em prol do progresso econômico — do ciclo açucareiro aos *royalties* do petróleo contemporâneos a nós. A leitura decolonial da urbe exige reconhecer as margens do Rio Paraíba do Sul como extensões d'água do Atlântico, territórios por onde desembarcaram, apenas entre 1835 e 1845, mais de 10 mil pessoas deportadas. O município, central na produção de cana-de-açúcar, estruturou sua morfologia urbana a partir da exploração sistemática dos corpos negros circunscritos na topografia, cujas memórias e identidades foram continuamente invisibilizadas durante o desenvolvimento e pelas subsequentes políticas de ordenamento territorial, que mantiveram a lógica colonizadora. (Antunes, 2020, 2024)

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 9. Localização de Campos dos Goytacazes/RJ

Fonte: Acervo Pessoal, 2020.

O que a história urbana registra como "reformas de salubridade" ou "melhoramentos de infraestrutura" — a exemplo das intervenções conduzidas por Saturnino Braga a partir de 1902 — operou, na prática, como um mecanismo de gentrificação primária, em paralelo ao que ocorria no Rio de Janeiro, capital nacional da época. O aterramento de lagoas, o alargamento de vias na região central e a redução da área de margem ciliar em prol das faixas de circulação de automóveis configuraram táticas para ofuscar, por exemplo, as histórias da população negra livre e liberta que historicamente ocupou os arredores da Praça São Salvador e da Igreja Boa Morte, ou que desembarcou nos portos aterrados em prol da atual Avenida Beira Rio. Tratou-se de uma segregação que empurrou as práticas de sociabilidade, a oralitura (Martins, 2003) e os "locais de batuque" para os limites periféricos da urbe.

Contudo, a cidade, ainda que higienizada, não consegue sufocar por completo a presença afro-diaspórica. É nesse contexto de supressão que a cartografia insurgente (Santos, 2019; Sánchez e Moreira, 2019) se revela como metodologia imprescindível para decodificar o tecido urbano. Diante

PENSAR FORA DO EIXO

do apagamento operado pelo planejamento formal, as religiões de matriz africana se inscrevem e resistem nas frestas da cidade.

Durante o “Afro Roterio”, vivência registrada em caderno de campo do autor (2019), foram citados por Simonne Teixeira (Caderno de Campo, 2019), professora pesquisadora vinculada à Universidade Estadual do Norte Fluminense, dois pontos importantes a serem levantados no momento. O primeiro é sobre a grande, se não exclusiva, presença de negros e crianças nas fotos urbanas de Campos, visto que esses faziam da rua a extensão de suas casas e meio de encontro entre semelhantes. O segundo ponto é a fala de que onde houve/há mercados, há a presença dos negros, porque eram eles que sempre estiveram ocupando os serviços mais básicos – hipótese presente também no livro citado anteriormente da profª. Anne Lafont (2023), ao retratar a presença e sociabilidade de negros em obras que retratam os mercados africanos.

A imagem abaixo, representando a enchente de 1906, devido a cheia do Rio Paraíba do Sul, quando muitas pessoas morreram de leptospirose na cidade. A ilustra bem os pontos ressaltados acima por Teixeira (2019).

Figura 10. Enchente na Praça das Verduras



Fotógrafo: Francisco de Paula Carneiro
Acervo: Biblioteca Municipal Nilo Peçanha / FCJOL

Fonte: Silva e Miranda, 2013.

PENSAR FORA DO EIXO

A imagem acima retrata os pontos citados anteriormente, o que Lafont (2023) coloca como fundamental de algumas culturas africanas relacionadas ao comércio, postula a pauta da memória negra da cidade, apesar da diferença geográfica e temporal dos exemplos. A invisibilidade produzida pelo urbanismo no desenvolvimento das cidades brasileiras corrobora, porém, a prática de marginalizar costumes culturais que expandiam a África em algum estado, como as práticas religiosas, festas e ritmos, pelo aquilombamento pela socialização proposta por Nascimento (1989).

O triste racismo habitual ao desenvolvimento urbano do ocidente age de forma similar pelas cidades brasileiras, mas vão se articulando com o território a qual estão inseridos de acordo com sua particularidade. A foto acima representa a presença majoritária de homens e meninos negros em área alagada onde se localizava uma feira à época. Apesar de ser um dia de chuva, a postura curiosa e brincalhona com a enchente e os pés na água demonstram familiaridade e pertencimento ao espaço. Como contra argumento, as cartografias a seguir representam uma metodologia de pesquisa em urbanismo que se configuram como um instrumento potente na disputa de lugar (Antunes, 2024), ao articular pontos importantes nas lutas dos movimentos sociais.

Sob a posição teórico-metodológica proposta por Santos (2019) sobre as disputas de lugar, este trabalho compreende a discussão de tais negociações a partir do desdobramento dos movimentos sociais para com o espaço livre urbano, manifestando-se de diversas formas por meio de suas ações cotidianas. As cartografias permitem uma abordagem geográfica que compreende a atuação dos atores sociais a partir de suas práticas, tratando-as como componentes das dimensões espaciais do sujeito, seja enquanto indivíduo ou como parte de um coletivo — o próprio movimento social.

Nesse sentido, a transposição das categorias elencadas pelo autor para a prática deste artigo justifica as escolhas das representações cartográficas que se seguirão. A cartografia apresentada a seguir busca registrar a materialização e a manifestação dos movimentos em ato, evidenciando as espacialidades dos sujeitos e de seus interlocutores na construção dessa nebulosa contemporânea de Campos. Ao tensionar o tecido urbano com a presença afro-diaspórica, os mapas espaços urbanos outros, construídos a partir de percepções identitárias e culturais, nos quais as comunidades de matriz africana protagonizam lutas por, com e a partir de seus territórios e suas simples existências.

PENSAR FORA DO EIXO

Ademais, a cartografia atua como ferramenta para decodificar a complexa relação entre a ação contínua dessas espacialidades e sua agenda de lutas pelo pertencimento. O ato de mapear espacializa não apenas os locais de culto, mas os atos, os gestos e seus múltiplos desdobramentos, impactos e origens na malha campista. Dessa forma, a encruzilhada, a rua e o terreiro são lidos, também, como esferas institucionais, constituindo distintas dimensões espaço-temporais e operando como verdadeiras arenas de disputa contra o apagamento estrutural.

Em suma, o reflexo histórico campista aqui delineado revela que a morfologia urbana de Campos dos Goytacazes é resultado de um projeto deliberado de silenciamento das espacialidades negras comum ao processo do Atlântico Negro. A higienização do início do século XX, como demonstrado pelas vivências e registros iconográficos, apesar de demonstrar mais um exemplo de que apesar do urbanismo do moderno, a cultura de lugar seguiu sendo uma forma de resistência nas frestas, mantendo o corpo-mapa como o principal arquivo vivo das histórias das cidades.

A cartografias que se seguem não surgem da necessidade de espacializar essa resistência. O reconhecimento das cosmolocalidades em Campos, portanto, opera como uma ferramenta de contra-ataque epistemológico ao urbanismo de berço colonial. Ao mapear o que esse urbanismo ocultou, o trabalho busca representar a cidade e reencantar o território, transformando a cartografia em um instrumento tático na disputa de lugar e na afirmação da presença afro-diaspórica na planície.

2.2 Cartografar os Cosmos: Geossímbolos e insurgências

O presente item se dividirá em duas apresentações cartográficas. Ambas, sobre a cidade de Campos dos Goytacazes, mas em momentos diferentes e com propósitos diferentes, apesar do mesmo recorte epistemológico que é a relação da umbanda com a pesquisa em urbanismo. A partir das imagens de satélite do google, o autor utiliza-se de entrevistas, da vivência enquanto umbandista e conhecimento empírico à cidade e seus conhecimentos em nível de graduação e mestrado em [curso oculto para não identificação do candidato], para elaborar os mapeamentos durante o trabalho de conclusão de ambos os cursos.

A cartografia inicial apresenta a primeira experiência com o mapeamento a partir das cosmolocalidades e a segunda mapeia a cultura de lugar sobre o território, compreendido a partir das memórias. Ambas as pesquisas foram feitas com o apoio inesgotável da família constituinte do

PENSAR FORA DO EIXO

[nome do terreiro oculto por motivos de não identificação do autor], localizado no bairro Novo Jockey em Campos dos Goytacazes, Rio de Janeiro, a quem o autor deve expressa gratidão pelo apoio.

2.2.1 Cosmolocalidades Campistas

Este primeiro recorte engloba o núcleo histórico de Campos dos Goytacazes — abarcando o Cais da Lapa (atual Avenida Beira Rio), a Praça São Salvador e as imediações das Igrejas do Rosário e Boa Morte. Ele materializa o ápice da contradição urbana: é simultaneamente a porta de entrada do Atlântico Negro (os portos de desembarque de pessoas escravizadas às margens do Paraíba do Sul) e o principal laboratório do projeto higienista do início do século XX.

O espaço urbano atesta a "varredura" sistemática da população negra e das práticas de terreiro (os "locais de batuque") em prol da construção de uma centralidade comercial hegemônica. A construção cartográfica aconteceu por meio de uma sobreposição de satélite com informações qualitativas. Empiricamente, a pesquisa mobilizou análises urbanas clássicas (mapas de uso, ocupação, serviços e iluminação/segurança), mas tensionou esses dados com a história oral. Por meio das entrevistas qualitativas com seis irmãos de santo, mapeou-se uma cartografia de cosmolocalidades a partir da relação do espaço com os conhecimentos de terreiro de cada um.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 11. Cosmolocalidades – Recorte 1



Fonte: [fonte e ano ocultos para fins de não identificação do autor]

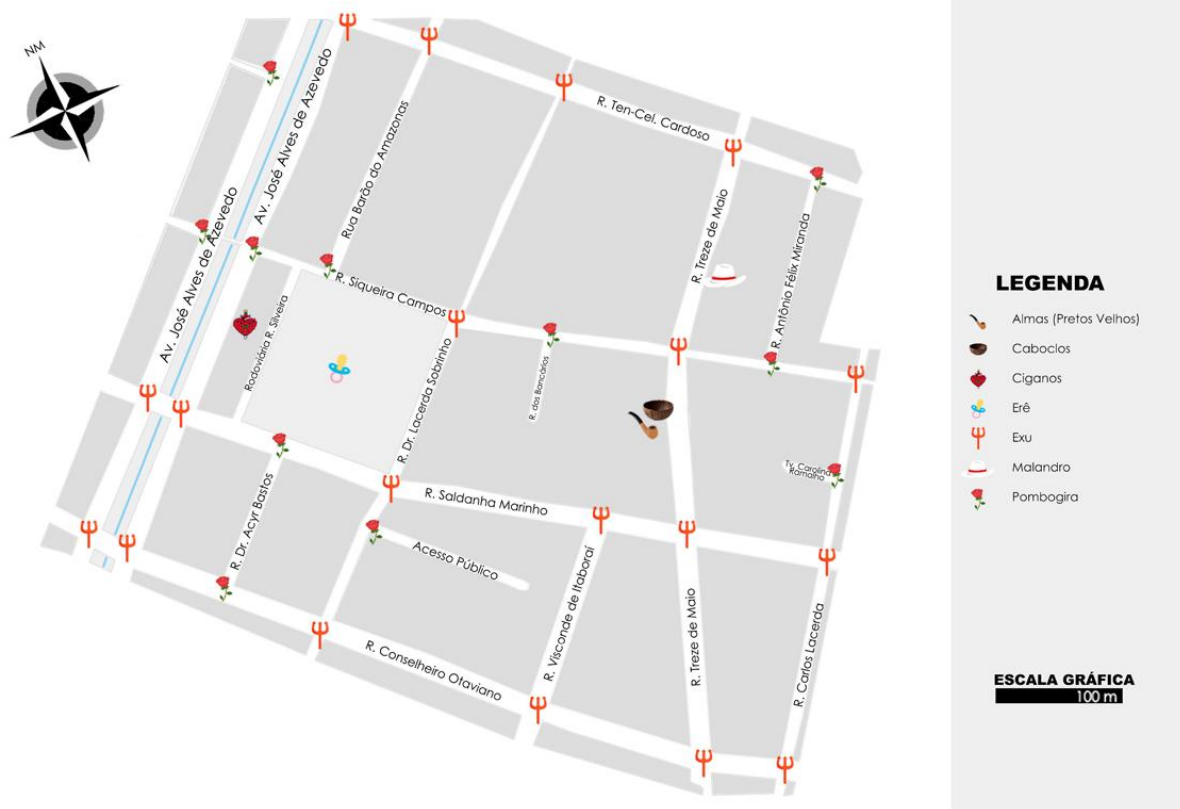
Já o segundo recorte desloca o foco para uma área caracterizada por forte densidade institucional — serviços de saúde, sindicatos, edifícios governamentais e comércios. Sob a lente decolonial, este trecho representa o conceito da cultura de lugar e a sobrevivência cotidiana de expansão africana a partir dos costumes. É a demonstração empírica de como a afro-religiosidade se inscreve nas margens da cidade cartesiana. O grande exemplo deste recorte é a apropriação da gruta da Igreja na Rua Treze de Maio, espaço frequentemente utilizado por umbandistas para acender velas e firmar orações à falange das almas (Pretos e Pretas Velhas). Aqui, a cidade revela que a resistência nem sempre se dá pelo embate físico frontal, mas pela tática silenciosa de "macumbar" o espaço consagrado à hegemonia. [fonte e ano ocultos para fins de não identificação do autor]

A metodologia encarregou-se da análise da temporalidade e da "granulidade" urbana. O mapeamento cartográfico escancarou a saturação de usos durante o horário comercial e a rápida transmutação do espaço para um ambiente hostil e deserto no período noturno. Essa leitura

PENSAR FORA DO EIXO

temporal foi aliada à observação empírica do próprio autor. Ao constatar a completa ausência de terreiros formalmente sinalizados no perímetro, a investigação demarcou o mapeamento a partir da leitura do traçado urbano e das possibilidades de apropriações efêmeras e as sociabilidades silenciosas apresentadas nas entrevistas, documentando como os praticantes subvertem a infraestrutura católica e os vazios institucionais para exercerem sua fé. [fonte e ano ocultos para fins de não identificação do autor]

Figura 12. Cosmolocalidades – Recorte 2



Fonte: [fonte e ano ocultos para fins de não identificação do autor]

A materialização dessas disputas de lugar nos recortes apresentados exigiu, metodologicamente, a criação de uma iconografia própria. Para representar as cosmolocalidades de forma binária, a cartografia insurgente substituiu as legendas tradicionais e tecnocráticas do urbanismo (que apontam usos do solo ou infraestruturas) por geossímbolos de terreiro. Através de colagens e marcações visuais sobrepostas à imagem de satélite, o espaço físico foi recodificado: as praças públicas receberam a identificação dos Erês; os bares, a dos Malandros; as fachadas e cruzeiros das igrejas católicas foram assinaladas como pontos de firmeza das Almas (Pretos Velhos e Pretas Velhas); e as interseções viárias ganharam a grafia de Exus (em cruzamentos 'X' ou '+') e

PENSAR FORA DO EIXO

Pombagiras (em bifurcações 'Y' ou 'T'). Essa representação gráfica não atua como um mero adorno estético, mas como uma tática de visibilidade que escancara a sobreposição do sagrado sobre um espaço urbano que fora historicamente higienizado.

Contudo, embora os mapeamentos centrais tenham comprovado a eficácia dessa decodificação urbana em microescala, a dinâmica afrodiaspórica não se encerra nos limites do núcleo histórico. A necessidade de compreender como o *corpo-mapa* umbandista transita por territorialidades mais amplas, conectando o centro às periferias e rodovias, exigiu um salto espacial e metodológico. É exatamente diante do esgotamento desse perímetro restrito que a pesquisa avança para o nível de mestrado, expandindo a lente cartográfica para capturar a verdadeira escala da nebulosa campista, como será explorado a seguir.

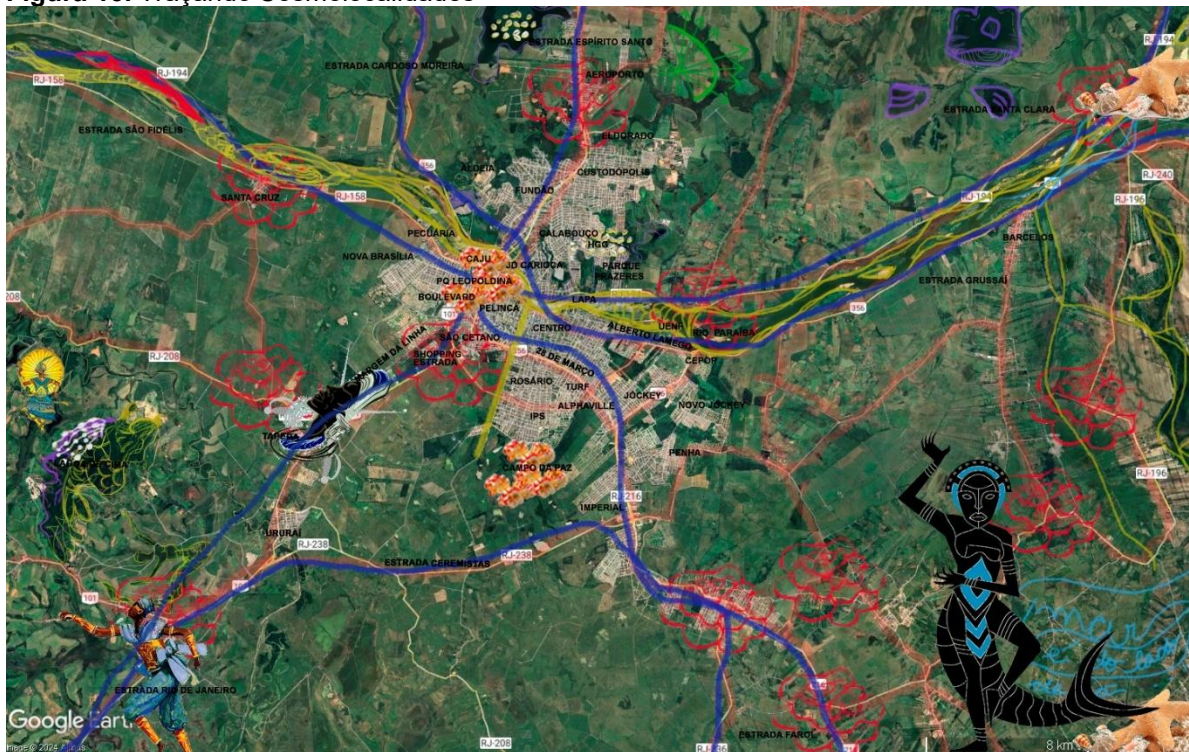
2.3 Memórias da Macumba: Cosmolocalidade e o Corpo-Mapa

Se as intervenções do trabalho final de graduação limitaram-se a subverter o espaço micro do núcleo central de Campos dos Goytacazes, a continuidade da pesquisa em nível de mestrado exigiu uma expansão de escala. O urbanismo hegemônico higienizou o centro da cidade, empurrando as sociabilidades afrodiaspóricas para as margens. Consequentemente, para cartografar a subcultura umbandista local, foi necessário expandir o recorte territorial, englobando as rotas, rodovias e a malha urbana periférica (Antunes, 2020, 2024). Essa ampliação permitiu visualizar a cidade como uma verdadeira nebulosa, possibilitando novas conexões, fluxos e desvios.

A primeira etapa metodológica dessa cartografia insurgente consistiu na identificação das macros cosmolocalidades sobre a imagem de satélite. Em oposição ao mapa cartesiano — que lê vias como mera infraestrutura de mobilidade e rios como recursos de escoamento —, a ótica umbandista traduziu o território em geossímbolos. As estradas e cruzamentos em “X” foram mapeados como domínios de Exu (os caminhos); as encruzilhadas em “Y” indicaram a presença das Pombagiras; a extensão do Rio Paraíba do Sul e os corpos hídricos foram demarcados pelas linhas douradas de Oxum e roxas de Nanã; a rodovia assumiu a força de Ogum; e os cemitérios foram pontilhados pelas pipocas de Omulu.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 13. Traçando Cosmolocalidades

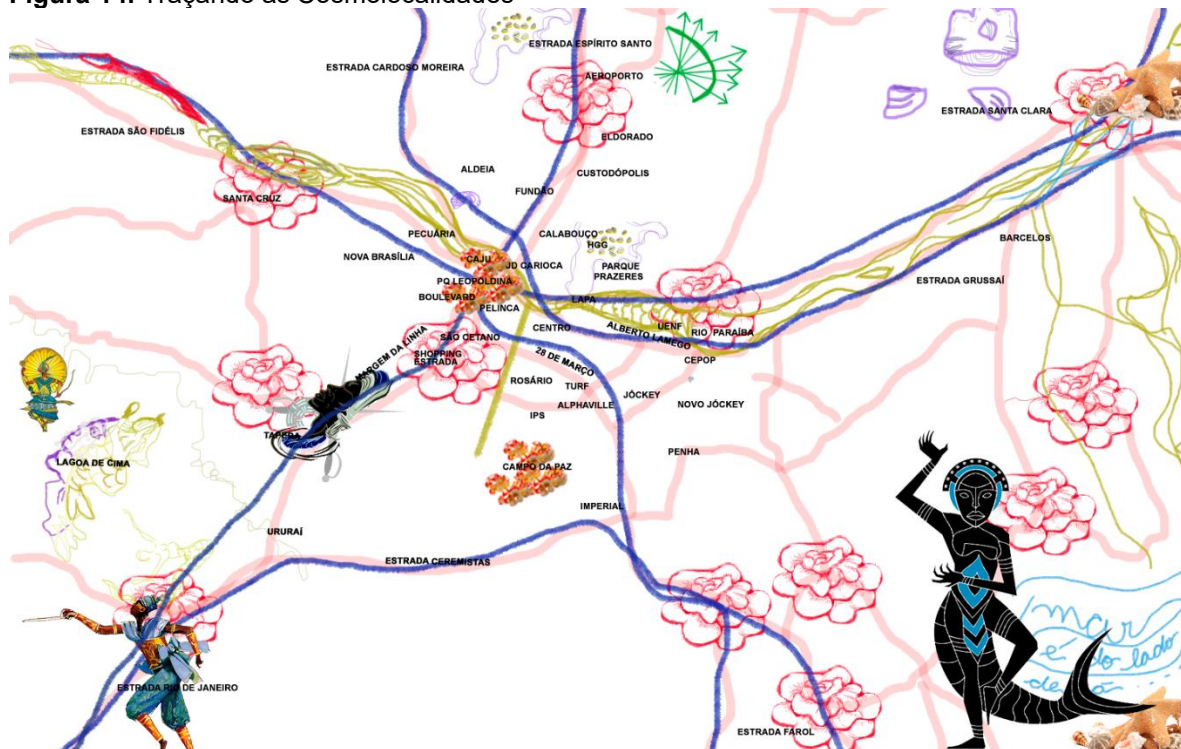


Fonte: [fonte e ano ocultos para fins de não identificação do autor]

Ao apagar a camada visual do satélite (a "realidade" do colonizador), a imagem resultante (Figura 14) revelou uma cidade-terreiro. O território, antes percebido por seus aspectos funcionais, passou a ser referenciado por suas simbologias cosmológicas, potencializando o reconhecimento de espaços de encontro com o sagrado a partir do desenho desses ícones.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 14. Traçando as Cosmolocalidades



Fonte: [fonte e ano ocultos para fins de não identificação do autor]

Entretanto, como argumentado neste artigo, a cosmolocalidade só instaura uma cultura de lugar quando ativada pela corporeidade e pela oralitura – pensando a performance do corpo no espaço. O mapa mudo do sagrado precisa do corpo-mapa para ganhar historicidade. Para demonstrar essa ativação, a pesquisa recorreu à cartografia biográfica dos líderes do Templo de Umbanda Sagrada Família, sendo a trajetória de Pai Antônio o exemplo basilar dessa disputa de lugar. (hooks, 2022; Martins, 2003)

A cartografia de Pai Antônio (Figura 15) atua como a materialização gráfica da resistência afro-religiosa. A sua trajetória cruza a geografia do estado: iniciou-se na Umbanda na periferia de Campos e no Candomblé na Baixada Fluminense (Belford Roxo), transitando por rodovias que, na época, exigiam o uso de vestimentas brancas não apenas como preceito religioso, mas como uma demarcação tática de territorialidade e respeito em áreas de conflito.

PENSAR FORA DO EIXO

Figura 15. Cultura de Lugar – Pai Antônio



Fonte: [fonte e ano ocultos para fins de não identificação do autor]

Pai Antônio representa o aterramento vivo da ancestralidade no espaço contemporâneo. Ao espacializar os relatos orais de sua vivência sobre o mapa de cosmolocalidades, a cartografia insurgente ganha vida. As fotografias, as falas e as memórias sobrepostas aos caminhos de Exu e de Ogum comprovam que o espaço urbano é continuamente reescrito. A cartografia atua como representação e registro de sobrevivência de atores de uma disputa de lugar local. Ela atesta que, apesar de séculos de tentativas de apagamento urbano, os corpos umbandistas seguem caminhando, cruzando o estado e reencantando o asfalto das cidades.

PENSAR FORA DO EIXO

CONCLUSÃO

Pensar o espaço urbano ocupado pelas culturas e grupos locais traz ao estudo uma perspectiva muito comum aos arqueólogos quando se deparam com assentamentos a serem investigados. Os urbanistas muito se assemelham a eles ao pensar a complexidade das cidades. Não obstante, para Ingold (2022), a Arte, a Arquitetura, a Arqueologia e a Antropologia são campos de pesquisa interligados de forma intrínseca às suas existências.

O que Ingold (2022) sugere é a urgência de o pesquisador "aprender por dentro". Para o urbanismo, isso significa abdicar do distanciamento panóptico e descer do "voo de pássaro" sobre as cidades. O autor propõe uma afronta ao pensamento moderno e fragmentado: não devemos apenas observar as coisas, mas aprender com elas. Ao aprender com o espaço, o espaço aprende conosco, fortalecendo a relação ontológica entre o sujeito e o meio. Nesse sentido, pensar as cosmolocalidades possibilita compreender que as ações do homem urbano, circunscrito na cultura umbandista, afetam e são afetadas pelo espaço de acordo com sua própria matriz epistemológica.

As cartografias apresentadas neste trabalho representam, portanto, um caminho de estudo decolonial e eficaz. É preciso destacar que, mesmo diante das severas limitações físicas impostas pela pandemia de COVID-19 durante o desenvolvimento dessas pesquisas (graduação e mestrado), a metodologia não se enfraqueceu. Pelo contrário: ao compreender a não linearidade do tempo e a cidade pensada por nebulosas, a pandemia provou que, embora as dinâmicas de socialização sofram danos no espaço físico, o terreiro resiste. As cartografias foram viabilizadas pela contribuição empírica, diária e coletiva da família de santo do autor. A oralitura, o conhecimento de terreiro e os pontos cantados traduzem as infinitas permeabilidades de uma cartografia viva.

Esse reconhecimento empírico atesta a articulação de um território afro-brasileiro que pertence à cidade, mas que se retroalimenta e se reconhece estruturalmente através da *cultura de lugar* e da memória coletiva. O mapeamento deixa de ser uma representação passiva e consolida-se como uma ferramenta fundamental nas disputas de lugar, reforçando a existência e a visibilidade contra as longas lógicas históricas de apagamento.

Tais reflexões corroboram a necessidade de uma pesquisa em urbanismo que se aproxime da escala humana, sob a ótica do corpo-mapa, assumindo a corporeidade como a principal herança cultural a ser reivindicada por uma civilização transatlântica historicamente heterogênea e silenciada. Perceber a cidade e seus desdobramentos através da Umbanda é, em última análise,

PENSAR FORA DO EIXO

instrumentalizar a pesquisa frente a essas disputas territoriais e atestar a urgência de novos fazeres urbanísticos. É um chamado para uma prática engajada, que respeite a escala humana, a memória e o tempo dos sujeitos — uma verdadeira ciência ecologizada, como sugere Stengers (2023), onde os urbanistas têm muito a aprender com as epistemologias de terreiro.

Como desdobramento futuro e encaminhamento direto para a pesquisa de doutorado, as reflexões aqui consolidadas apontam para a urgência de se aprofundar o estudo de 'urbanismos outros'. Ao romper com as amarras do planejamento eurocentrado, a busca por narrativas plurais e subalternizadas encontra na cartografia insurgente não apenas um método, mas uma bússola epistemológica. É através do contínuo refinamento e da expansão dessas práticas cartográficas que se tornará possível desvelar, em maior escala, as múltiplas formas de se fazer cidade. O mapeamento tático e afetivo do invisível consolida-se, assim, como a ferramenta central para visibilizar como as cosmolocalidades e os corpos-mapa afrodiaspóricos continuam a reinventar, disputar e encantar o espaço urbano, pavimentando o caminho estrutural para um urbanismo genuinamente decolonial.

REFERÊNCIAS

ANTUNES, Ricardo Paixão. **Macumba Urbana**: Interferências como forma de combate a intolerância religiosa na cidade. Orientador: Danielly Cozer Aliprandi. RJ. 2021. 188 p. Trabalho Final de Graduação (Bacharelado em Arquitetura e Urbanismo) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Instituto Federal de Educação, Ciências, e Tecnologia Fluminense, Instituto Federal de Educação, Ciências e Tecnologia Fluminense, Campos dos Goytacazes, 2020.

ANTUNES, Ricardo Paixão. **O Código d'Exu**: cartografia de Umbanda como instrumentos insurgentes nas disputas de lugar. 2024. 83 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – Escola de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2024. Orientadora: Fernanda Ester Sánchez García

BASTIDE, Roger. **O Candomblé na Bahia**: Rito Nagô. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1961.

G1. Estátua de escravocrata britânico derrubada por manifestantes é retirada do rio. 11 jun. 2020. Mundo. Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/06/11/estatua-de-escravocrata-britanico-derrubada-por-manifestantes-e-retirada-do-rio.ghtml>. Acesso em: 26 março 2026.

FILHO, Amílcar Torrão. **História Urbana: a configuração de um campo conceitual**. REVISTA ELETRÔNICA DO CENTRO INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS SOBRE A CIDADE, v. 7, ed. 10, jan/ago 2015. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/urbana/article/view/8642546/pdf>. Acesso em: 26 março 2026.

PENSAR FORA DO EIXO

FUNDAÇÃO BIBLIOTECA NACIONAL. Terra Brasilis. In: A Cartografia Histórica: do século XVI ao XVIII. Rio de Janeiro: BNDigital, [20--]. Disponível em: <https://bndigital.bn.gov.br/dossies/biblioteca-virtual-da-cartografia-historica-do-seculo-xvi-ao-xviii/artigos/terra-brasilis/>. Acesso em: 4 abr. 2026.

GALEANO, Eduardo H. **As Veias Abertas da América Latina** / Eduardo Galeano; Tradução de Sergio Faraco. – Porto Alegre, RS: LP&M Pocket, 2020.

Sánchez, Fernanda Ester G.; MOREIRA, Paula C. **Cartografias do Conflito**: Rio de Janeiro [recurso eletrônico] / organizadoras: Fernanda Sánchez e Paula C. Moreira. – 1. ed. Rio de Janeiro, 2019.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio Negro de Janeiro**: olhares geográficos de heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial. Orientadora: Dra. Catherine Prost. 2015. Tese (Doutorado) - Pós- Graduação em Geografia, do Instituto de Geociências da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2015.

hooks, bell. **Pertencimento**: Uma cultura de lugar. São Paulo: Editora Elefante, 2022.

INGOLD, Tim. Fazer : Antropologia, arqueologia, arte e arquitetura / Tim Ingold ; tradução de Luiz Paulo Rouanet. – Petrópolis, RJ : Vuzes, 2022. – (Coleção Antropologia ; 1)

LAFONT, Anne. **A Arte dos Mundos Negros**: História, teorícia, crítica. 1. ed. Rio de Janeiro: Boitempo, 2023.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **Umbanda**. 2. ed. University of Texas, Austin, Texas. EUA: Editora Ática, 1986.

MARTINS, Leda. Performances da Oralitura: corpo, lugar da memória. **Língua e Literatura**: Limites e Fronteiras, [s. l.], ed. 26, p. 63-81, 2003.

MBEMBE, Archille. **Crítica da razão negra**. [S. l.]: N-1 edições, 2018.

MENEZES, Claudia Castellano. **Lugar de Orum e Ayê**: ambiência, conflito e dinâmicas de apropriação do candomblé no espaço urbano público / Claudia 185 Castellano de Menezes. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU, 2017. Disponível em: https://minerva.ufrj.br/F/?func=direct&doc_number=000863718&local_base=UFR01. Acessado em: 25 março 2026

ORÍ. Direção: Raquel Gerber. Intérprete: Maria Beatriz Nascimento. Roteiro: Maria Beatriz Nascimento. São Paulo: Angra Filmes Fundação do Cinema Brasileiro, 1989. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/1PBQutmbrgakx63IUUD8qOgIM2wKVld4n/view>. Acesso em: 26 mar. 2026.

PEIXOTO, Norberto. **Umbanda Pé no Chão: Um guia de estudos orientado pelo espírito Ramatis**. 1. ed.: Editora do Conhecimento, 2008.

PEREIRA, G. et al. Coletiva Terra Preta. **Corpo-mapa**. 2019. Disponível em: <https://medium.com/@terrapreta/corpo-mapa-d2d22aff1cd2>. Acesso em: 26 março 2026.

PENSAR FORA DO EIXO

PEREIRA, Margareth da Silva. Pensar Por Nebulosas. In: JACQUES, Paola Berenstein; PEREIRA, Margareth da Silva (org.). **Nebulosas do pensamento urbanístico**: tomo I - modos de pensar. Salvador: EDUFBA, 2018. p. [236]-[261].

PESAVENTO, Sandra Jatahy. Cidades visíveis, cidades sensíveis, cidades imaginárias. **Rev. Bras. Hist.**, São Paulo, v. 27, n. 53, p. 11-23, junho 2007. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-01882007000100002&lng=en&nrm=iso. Acessado em: 02 out 2020.

Rivas, Maria Elise Gabriele Baggio Machado. **O mito de origem : uma revisão dos ethos umbandista no discurso histórico** / Maria Elise Gabriele Baggio Machado Rivas. – São Paulo : Arché Editora, 2013. 144 p.

SANTOS, Milton. **Pensando o espaço do homem**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2004.

SANTOS, Renato Emerson dos. Repertórios espaciais de ação na luta anti-racismo: o caso da Pequena África no Rio de Janeiro. **Cartografias do Conflito**: Rio de Janeiro [recurso eletrônico] / organizadoras: Fernanda Sánchez e Paula C. Moreira. – 1. ed. Rio de Janeiro, 2019.

SILVA, Leonardo de Vasconcellos; MIRANDA, Elias de Araújo. De Praça das Verduras a Chá-Chá-Chá: imagens de um espaço público em contínua degradação. **Novos Cadernos NAEA**, [s. l.], v. 16, n. 1, p. 191-210, jun 2013. Disponível em: <https://www.periodicos.ufpa.br/index.php/ncn/article/view/1071>. Acesso em: 26 março 2026.

SILVA, Mary Anne Vieira. **Dinâmicas territoriais do sagrado de matriz africana**: o candomblé em Goiânia e região metropolitana. [S. l.: s. n.], 2013.

STENGERS, Isabelle. **Uma Outra Ciência é Possível: Manifesto por uma desaceleração das ciências**. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2023.